



## A INESQUECÍVEL MARIA-FUMAÇA

Jornal da AFATO, Belo Horizonte, maio 1998

Gonzaga de Carvalho\*

Escritor, cronista, poeta radialista

Em 16 de maio de 1881 foi pregado o primeiro trilho da Estrada de Ferro Bahia-Minas, ou Bahia e Minas, como ficou popularmente conhecida. “Após a cerimônia foi oferecido um copo d’água, trocando-se aí vários brindes.” Em 07 de agosto do mesmo ano a locomotiva denominada Joviana (em homenagem à esposa do engenheiro Argolo) fez o seu primeiro percurso sobre a linha. Sete anos depois, ou seja, em 03 de maio de 1898, numa terça-feira, inaugurou-se em Teófilo Otoni a Estação Ferroviária. Era de madeira, mas posteriormente foi substituída por um edifício com bela fachada. (Hoje, aquelas belas instalações estão ocupadas pela Rodoviária que, com feias adaptações, descaracterizou a arquitetura original). A inauguração deu motivo a uma grande festa. As ruas estavam enfeitadas e as janelas ostentavam toalhas bordadas e jarras com flores. Uma banda musical do Rio de Janeiro e outra de Minas Novas alegravam a cidade com suas tocatas. Numerosos visitantes davam colorido e movimento à pacata Teófilo Otoni, integrando a multidão em festivo burburinho. Eram foguetórios, bailes, banquetes! E havia motivo para tanto regozijo. Afinal, o município se via ligado ao mar em dois dias de viagem, acontecimento extraordinário para aquele tempo.

Ao longo dos anos a ferrovia prestou relevantes serviços a toda esta faixa compreendida entre Caravelas e Araçuaí. Mas infelizmente, como acontece com quase tudo o que é do Governo, aos poucos ela se transformou em cabide de empregos e antro de corrupção. Quando Jânio Quadros por aqui passou na campanha pela Presidência, com aquela enfatuada linguagem, prometeu: “Eletrificá-lo-ei”. Mas, eleito, desconversou. Advindo o desenvolvimento da indústria automobilística, e melhor opção oferecida pelo transporte rodoviário, a Bahia e Minas e várias outras ferrovias brasileiras foram sendo extintas a partir do governo de Castelo Branco.

Muitas cidades e numerosas pessoas sofreram duros golpes com essa extinção. Certo ferroviário chegou a declarar: “Foi como se tivesse morrido alguém da família.” E há um doce saudosismo neste sentido, que se traduziu em bela melodia de Milton Nascimento. Para a nostalgia dos que se sentem exilados no tempo, “Maria-Fumaça não canta mais!”.

Verdadeiros ou não, tornaram-se folclore certos acontecimentos da Bahia e Minas, bem como casos pitorescos relacionados com o seu utilíssimo telégrafo, conforme veremos.

Na Revolução de 1930 (Minas, Rio Grande do Sul e Paraíba contra os demais Estados), uma Junta Revolucionária de Teófilo Otoni decidiu embarcar 200 homens para ocupar Caravelas. Mas antes, houve entre as duas cidades uma troca de “gentilezas” através do telégrafo da Estrada de Ferro. Eis amostra: “Se vocês já estão com medorréia, fiquem sabendo que a coisa ainda vai piorar.” “Qual nada! Vocês são uns cachaceiros vagabundos, uns caga-em-pés.” (Imaginem as risadas dos telegrafistas, lá e cá!).

Em outra ocasião o time Saturno, de Caravelas, veio enfrentar o famoso Atlético de Teófilo Otoni, bicho papão de vasta redondeza. Por incrível que pareça, terminou o primeiro tempo com o Saturno vencendo por 3 x 1. Seu técnico ficou tão eufórico que mandou logo pelo telégrafo (que também funcionava aos domingos) a notícia aos conterrâneos: “Vai ser uma barbada, pois já estamos com 3 x 1. Podem preparar a festa.” Desenrolou-se o segundo tempo, chegou-se ao final da partida, e o técnico caravelense enviou então nova mensagem telegráfica: “Cancelem a festa. Os desgraçados viraram o jogo para 9 x 3, com ajuda do juiz.”

\*O autor da crônica faleceu em 09 de setembro de 2006.